

Conceito bíblico de morte

BERTOLDO GATZ

Luiz Murat expressa-se quanto a morte nos seguintes termos: "Pensar que o homem que desce a um túmulo está morto é ter de Deus uma idéia incompleta." Não se pode conceber que um homem em vida não aceite a realidade da morte. Mais incompreensível é a atitude do homem que diz temer a Deus e não aceita a continuidade da vida além-túmulo. A morte não é uma cessação integral da existência, mas apenas o interrompimento das manifestações vitais de nosso corpo físico. O além deve ser motivo de preocupação ao homem, a fim de que não seja tomado de surpresa, por não estar devidamente preparado para enfrentá-lo. La Fontaine em uma de suas fábulas declara: "A morte não surpreende nunca o sábio; êle está sempre pronto para partir."

O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, define a morte como sendo o ato de morrer, o fim da vida, a destruição, a extinção, etc.. Um dicionário preocupa-se simplesmente com o sentido das palavras quanto ao seu uso gramatical, mas não pode encerrar todos os conceitos morais, éticos e espirituais que uma palavra contém em si mesma. Deus é a fonte da vida. Tudo o que se move é obra de Sua criação. Deus é vida e por isso deu vida. A vida

do homem tem por isso implicações morais. Deus o criou e estabeleceu para êle residência, onde tinha à sua disposição tôdas as coisas criadas para o seu sustento e para o seu prazer. Não competia entretanto ao homem transgredir as leis morais que Deus estabeleceu baseado nos vínculos entre ambos estabelecidos. A transgressão destas leis constituem em essência a morte, que outra coisa não é se não o rompimento dos vínculos morais que uniam o homem a Deus.

Em Gen 2:17 lemos: "porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás." Adão e Eva ainda viveram durante muitos anos depois da transgressão. Pelo menos a sua vida física em nada foi afetada na ocasião. Outra implicação muito mais importante do que a cessação da vida física se realizou imediatamente, pois foram expulsos do jardim e conseqüentemente da presença de Deus (Gen 3:24). Moralmente vale dizer que tiveram as relações morais rompidas com aquêle que fôra o autor de sua vida. Muitas são as implicações do pecado na vida do homem rebelde e que tem suas relações íntimas com a morte, desde Adão até os nossos dias, pois somos forçosamente descendentes do pai da raça humana.

I — CONCEITO DE MORTE NO VELHO TESTAMENTO

O Velho Testamento considera tudo sob o ponto de vista moral, tanto a História como o Universo. Sob êste ponto de vista o homem é considerado um ser moral. Deus exigiu da parte do homem obediência, que iria estabelecer a harmonia entre ambos. O homem devia buscar viver em consonância com a vontade de Deus. Daí o motivo porque foi criado, e é participante dêste grande universo com finalidades morais.

Segundo o V.T. o homem foi criado com uma imortalidade condicional. Caso pecasse perderia o acesso à árvore da vida. A morte portanto é consequência do pecado. A vida é o galardão do justo.

A conceituação de morte do V.T. é que o corpo todo morre quando o espírito (Salmo 146:4; Ecl 12:7) ou a alma (Gen 35:18; 2 Sam 1:9; 1 Reis 17:21; João 4:3) sai para fora do homem. Não somente o seu corpo mas também a sua alma retorna ao estado de morte e então pertence ao mundo inferior. O V.T. chega mesmo a se referir à morte de uma alma (Gen 37:21; Num 23:10; Deut 22:21; Juizes 16:30; Jó 36:14; Salmo 78:50).

O SHEOL

O V.T. apresenta o Sheol como um lugar de vivo contraste com a vida terrena "Antes que eu vá para o lugar de que não voltarei, para a terra das trevas e da sombra da morte; terra de negridão e de pro-

funda escuridade, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é tenebrosa." Jó 10:21-22 e ainda outras passagens como Salmo 86:13 e Salmo 63:9.

Embora se use com frequência têrmos geográficos para caracterizar o Sheol, nada há entretanto neste mundo que possa corresponder ao Sheol, pois êste modo de caracterizar é figurativo, portanto moral. A idéia é de que o Sheol é um lugar baixo, fundo, escuro, tanto quanto os céus são caracterizados como sendo altos, cheios de luz e de vida. Não podemos compor uma geografia do Sheol, pois tôdas as indicações que temos neste sentido são apenas figurativas e morais. Sheol é o lugar para onde descem os que morrem, tanto os bons como os maus. Não devemos confundir, como ocorre em algumas versões, o Sheol com a cova ou o túmulo. Sheol é o lugar onde estão as personalidades que saíram desta vida. Segundo o Velho Testamento as gerações que nos precederam estão lá. "Expirou Abraão: morreu em ditosa velhice, avançado em anos; e foi reunido ao seu povo" (Gen 25:8).

Consideremos ainda o seguinte:

1. *O estado dos que estão no Sheol.* No Sheol o espírito apenas existe, não tem força, é fraco, só existe e nada mais. Deus retirando o espírito da vida e desde que o espírito é a fonte de força e de vida, a pessoa apenas existe no Sheol. No Sheol não há prazer, não há força e a existência é bem vaga e quase nula. Tudo quanto pertence à vida desaparece com a morte. As pessoas estão ali quietas, silenciosas, como se estivessem

num profundo sono “Se não fôra o auxílio do Senhor, já a minha alma estaria na região do silêncio” (Sal 94:17). É o lugar onde não há lembrança de nada “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos nada sabem, nem tão pouco terão êles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento” (Ecl 9:5). O Sheol pode ser comparado mais com as sombras dêste mundo do que com o seu movimento e atividades. O V.T. apresenta uma concepção muito vaga quanto ao além, e isto fazia com que tôdas as esperanças do povo de Israel se fixassem na vida terrena. Indo para o além nada havia que pudessem chamar de vida, embora não aceitassem a extinção da alma. Só havia existência, porque não aceitavam a idéia de que a morte podia aniquilar as personalidades, mas só a separava daquilo que chamamos vida.

2. *No Sheol não havia distinção entre os bons e os maus.* Não se deve de modo nenhum confundir Sheol com o céu ou com o inferno. Todos os seres morrendo vão para o Sheol, para a eternidade. Sheol e eternidade podem ser considerados sinônimos, para a compreensão da idéia. Sheol não se torna o lugar de galardão nem de punição. O Sheol não é estado de maldição nem de bênção, sendo apenas existência insensível, onde nada se goza e nada se sofre. “Ali os maus cessam de perturbar, e ali repousam os cansados. Ali os presos juntamente repousam e não ouvem a voz do feitor. Ali está assim o pequeno e o grande, e o servo livre de seu senhor.” (Jó 3:17-19)

No fim da história do povo

judeu, aparece a primeira noção de inferno como lugar de sofrimento. Talvez seja conseqüência do culto ao deus moloque, quando as crianças eram entregues ao fogo para chegarem à presença do terrível deus. Êste lugar era então um lugar de sofrimento e foi denominado de *Geena* que corresponde à idéia de *inferno*. No Nôvo Testamento, temos esta idéia expressa na parábola do rico e Lázaro “No inferno estando em tormentos levantou os olhos e viu a Abraão e Lázaro em seu seio” (Lucas 16:23). É possível que a mesma idéia seja expressa por Isaías 66:24 “...nem o seu fogo se apagará...”

3. *Relações de uma pessoa no Sheol com o seu corpo terreno, o mundo e Deus.*

O homem no Sheol tem terminantemente cortadas tôdas as relações com êste mundo. O corpo não volta mais e nada sabe da vida terrena “Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquêlê que desce à sepultura jamais tornará a subir” (Jó 7:9). Surgiu entretanto uma crença condenável de que a pessoa continua a viver no Sheol e de que podia comunicar-se com os vivos, conforme lemos em I Sam 28.

Quanto às relações da pessoa no Sheol com Deus nada existe. O rompimento desta relação faz a descida ao Sheol um fato indesejável para todos os judeus “Pois na morte não há recordação de ti, no sepulcro quem te dará louvor?” (Salmo 6:5). Há uma nota alegre com relação ao Sheol quando faz referência ao Messias em Salmo 16:9-11.

A relação entre o homem no Sheol e o corpo terreno, não pode ser determinada com clareza, pois não há matéria suficiente para estabelecer o assunto. Há entretanto duas referências que sugerem uma possível relação entre a alma no Sheol e o corpo aqui na terra “Ele sente as dores de apenas seu próprio corpo, e só a seu respeito sofre a sua alma” (Jó 14:22).

II — CONCEITO DE MORTE NO NOVO TESTAMENTO

A morte física é a separação da alma do corpo. No ensino da Escritura a morte física está intimamente relacionada com a morte espiritual, em que a alma do ser humano, se separa de Deus. O Novo Testamento trata do assunto em todos os aspectos, mas principalmente sob o ponto de vista religioso. Não é importante a análise da morte sob o ponto de vista da ciência moderna segundo as leis da biologia.

Como pena do pecado surgiu a morte: “Ele nos deu a vida, estando nos mortos em nossos delitos e pecados” (Ef 2:1). Esta foi uma morte espiritual, rompendo o vínculo de união existente entre o homem e Deus. Todavia esta pena inclui a morte física. Mortos em transgressões e pecados não inclui um modo de vida isento de atividade e consciência. Significa sim uma vida sem relação com Deus, à parte de Deus. A morte física é a culminação da vida terrena do homem. A morte do espírito, como resultado final do pecado, é a se-

gunda morte, quando a separação de Deus chega a ser uma formal expulsão da sua presença, no dia do juízo final.

A esperança cristã com relação à morte inclui uma vitória sobre a própria morte. O apóstolo Paulo condensa todo o ensino das Escrituras em sua declaração ao final do magestoso capítulo sobre a ressurreição “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.” (I Cor 15:55-56) Disto deduzimos:

1. A morte física era parte da pena do pecado.
2. Para os que não participam da salvação em Cristo a pena permanece.
3. No caso do cristão, somente o organismo físico sofre a mudança que chamamos morte, quando perde então o seu sentido penal e chega a ser uma vitória espiritual.
4. Finalmente, a vitória sobre a morte nos é assegurada pela ressurreição de Cristo da morte, e sua comunicação de vida a nós outros.

O ESTADO INTERMEDIÁRIO

Sobre este assunto pouco se lura com a especulação. Os ensinamentos do Novo Testamento sobre o assunto não são muitos, mas são claros e suficientes. É verdade que ainda ficam muitos problemas sem solução, mas temos segurança quanto aos pontos mais importantes desta doutrina.

A palavra Hades como empregado no Nôvo Testamento, é equivalente à palavra Sheol no Velho Testamento. Significa somente morada dos mortos. Não podemos definir Hades como sendo o Paraíso nem mesmo como a Geena. Pode ser qualquer dos dois, mas ao mesmo tempo nenhum dêles. Ao usarmos a palavra Hades não estamos afirmando se se trata de lugar de punição ou de gozo. O Hades é representado no N.T. como uma região separada da vida presente, onde entram os mortos. Temos ensinamentos claros com referência aos estados dos mortos. Consideremos alguns dêles que julgamos os mais importantes:

A Morte dos Justos

Em Mat 22:32 Jesus disse: “Deus não é um Deus de mortos, mas de vivos”. Declara ainda que Lázaro foi levado *ao seio de Abraão*. Ao ladrão da cruz Jesus disse, “hoje estarás comigo no paraíso”. À pesarosa Marta, Jesus disse, “Todo aquele que vive e crê em mim, de modo nenhum morrerá”. Paulo diz em II Cor 5:1 “Sabemos que, se a nossa casa terrestre dêste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna nos céus”. Aos filipenses escreve, “desejo partir e estar com Cristo o que é muito melhor”. No Apocalipse lemos que os espíritos separados do corpo, estão em estado consciente aguardando o chamado de Deus. Disto destacamos:

1. *Ao morrer o cristão entra diretamente na presença de Cristo e de Deus.* Não há uma separação

de tempo entre a morte do cristão e a sua presença diante de Cristo e de Deus.

2. *O seu estado ali será um estado consciente.* Nas passagens acima citadas esta verdade aparece com frequência. Assim nossa relação moral com Cristo há de ser contínua.

3. *Os mortos despojados de seu corpo estarão assim na presença de Cristo já usufruindo da felicidade e do descanso.* Paulo declara que a vida com Cristo será muito melhor do que esta. Em Apocalipse lemos que “Bemaventurados são os mortos que desde agora morrem no Senhor.” (Ap 14:13).

4. *Não há fundamento no Nôvo Testamento para a doutrina do sono da alma.* O sono consiste na inconsciência de tudo que está em derredor. Nenhuma passagem fala que a *alma* dorme.

5. *O Nôvo Testamento não autoriza a doutrina do purgatório.* O ensino claro e positivo é a melhor resposta a êsse dogma, que se baseia sobre interpretações errôneas de algumas passagens como I Cor 13-14.

6. *O estado intermediário não é o estado final dos crentes.* Êle se apresenta como um estado imperfeito. O Apóstolo Paulo o apresenta como um estado em que não estaria vestido nem nú (II Cor 5:3-4). Paulo anela a ressurreição dos mortos. Todos os ensinamentos acerca do estado intermediário não são considerados como ideais e finais. O homem é corpo e espírito, e o estado em que o corpo se encontra despojado do espírito carece do elemento de perfeição humana,

que lhe será proporcionado no dia da ressurreição final.

A Morte dos Injustos

O Nôvo Testamento deixa alguma luz sôbre o assunto em pauta. Algumas passagens são de difícil interpretação. Pedro na primeira carta, no capítulo 3, verso 19, diz que os espíritos rebeldes se encontravam em prisão. No episódio do rico e Lázaro sabemos que cada qual depois de morrer foi a um lugar distinto. Trata-se na verdade de uma parábola, mas por mais difícil que seja sua interpretação,

sabemos que o pobre foi para um lugar de gôzo e o rico para um lugar de tormento. Houve a felicidade consciente e o sofrimento consciente. Pedro mesmo em sua segunda carta, capítulo 2, verso 9, escreve "É porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos, e reservar, sob castigo, os injustos para o dia de juízo." Embora não tenhamos um conhecimento exato do estado em que se encontram os maus durante o período desde a sua ressurreição até o juizo final, sabemos que sua situação é de consciência, e que estarão desde já sofrendo as penas que lhe foram impostas pela sua vida iníqua.